

Atenção: Esta é uma versão de degustação do livro

Amor, Ódio e Vingança

Primeiro Livro da Série

As Vidas de Andorra

Valeria Lopes

pelo Espírito Andorra



Palavras de Amor, Sementes de Luz!!!

Copyright © 2024 por Piu Books LLC

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, fotocópia, gravação, etc. incluindo ainda o uso da internet, tampouco apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa permissão da editora Piu Books LLC, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19-02-1998). Todos os direitos reservados desta edição pela Piu Books LLC (v60)

Sumário Livro Completo

Dedicatória.....	6
Nota da Autora.....	7
Introdução.....	9
Capítulo 1 – Quando Tudo Começou.....	11
Capítulo 2 – Os Primeiros Passos.....	40
Capítulo 3 – O Ódio Renasce.....	64
Capítulo 4 – Escolhas Equivocadas.....	104
Capítulo 5 – Segredos Revelados.....	127
Capítulo 6 – Separação.....	153
Capítulo 7 – A Busca pela Verdade.....	176
Capítulo 8 – Descobertas Dolorosas.....	202
Capítulo 9 – Redenção Através do Amor.....	240
Capítulo 10 – Uma Nova Vida Recomeça.....	283
Mensagem de Andorra.....	284
Romances da Série: As Vidas de Andorra.....	285
Série As Vidas de Andorra.....	286
A Autora – Valeria Lopes.....	288
A Editora – PiuBook.....	289

Capítulo 1 – Quando Tudo Começou

Dezenove de fevereiro de 1510.

Em um sombrio final de tarde, o céu estava carregado de nuvens escuras, anunciando que um grande temporal desabaria sobre aquela pequena cidade no sul da França. Todos os moradores da vila estavam na praça aguardando o principal acontecimento do dia. Uns aguardavam o evento com uma enorme expectativa enquanto outros sentiam uma profunda tristeza em seus corações. No meio da praça central, estava a ré, com os braços amarrados e olhos vendados, esperando por sua condenação, que todos de antemão já sabiam qual seria. Assim, como muitos outros inocentes, Helen seria queimada viva em praça pública para servir de exemplo a multidão, mostrando a todos qual era o destino de quem se aventurasse a adorar outro Deus que não fosse o abraçado pela Igreja Católica.

Em uma área privativa, onde as famílias mais abastadas da região assistiam às condenações, estava a causadora de toda aquela injustiça, Elizabeth Werck. Naquela tarde, em seu olhar, havia um discreto sinal de arrependimento. A sua intenção inicial era completamente diferente da que estava sendo testemunha naquele momento. Ela desejava apenas separar a bela camponesa do seu filho Nestor, mas não levá-la à morte. A matriarca da família Werck não pensou que sua falsa acusação fosse terminar com a condenação de Helen e muito menos à morte de toda a sua família. Mas, o desenrolar dos acontecimentos escapou do seu controle e agora era tarde demais para se arrepender, não havia nada que ela pudesse fazer para evitar o trágico fim da jovem inocente.

Sendo assim, Elizabeth começou a rezar em silêncio, pedindo perdão a Deus, argumentando que ela nunca havia desejado a morte de Helen. E, se ela havia cometido um erro, tinha sido em nome do amor de mãe por seu filho. Nesse caso, Deus certamente a compreenderia e a perdoaria. Infelizmente, Elizabeth só esqueceu-se de um detalhe crucial: pedir perdão a Helen.

Naquele momento, a chegada do padre inquisidor ao local da condenação tirou Elizabeth de seus pensamentos. Logo depois, olhando para a matriarca da família Werck com cumplicidade, ele leu solenemente a sentença de morte da condenada. Depois, friamente, ordenou ao carrasco e seu ajudante que acendesse a tocha e desse início à execução. Entretanto, quando a fogueira estava prestes a ser acesa, Helen gritou:

— Eu quero fazer um último pedido! Acho que tenho esse direito, não?

Em dúvida, o carrasco parou, olhou para o inquisidor, esperando por sua resposta. Imediatamente, o padre falou, fingindo demonstrar compaixão:

— Certamente, minha jovem. E, sinceramente eu espero que, em nome de Deus, você aproveite esse momento para confessar a Deus e a todos nós reunidos aqui hoje, que se arrepende dos seus pecados.

Após as palavras do padre inquisidor, Helen permaneceu em silêncio, sem respondê-lo. Então, ela levantou a cabeça e disse:

— Tire a venda dos meus olhos!

Tomada pela raiva, Helen desejava morrer olhando para cada um dos seus perseguidores, que estavam sendo responsáveis por tirar a sua vida injustamente. Após um aceno positivo do

inquisidor, o carrasco subiu as escadas do tablado de madeira, aproximou-se da condenada e retirou a tira de pano que a vendava.

Naquele instante, os olhos negros de Helen flamejavam tanto ódio, que era quase impossível continuar olhando para ela. Lentamente, ela encarou cada um na multidão, procurando por um olhar de piedade, mas nada encontrou. A atitude fria e desumana das pessoas na praça provocou a ira de Helen. Todos os que assistiam à execução, convencidos pelo eloquente discurso condenatório do padre inquisidor, acreditaram cegamente na culpa dela, com exceção de um único padre, de idade avançada. Entre todos que estavam presentes, apenas o seu olhar demonstrou benevolência e inconformação, revelando a Helen que ele acreditava em sua inocência.

O bondoso ancião de cabelos brancos e costas arqueadas devido à idade avançada, era o padre mais antigo da pequena cidade. Ele conhecia Helen desde a infância, além de toda a sua família. Para ele, sem sombra de dúvida, a jovem camponesa e sua família eram inocentes. Durante todo o período de julgamento na igreja e até um pouco antes da execução em praça pública, o benevolente padre tentou em vão ajudar Helen a escapar da sentença de morte.

No entanto, apesar de todos os seus esforços, acreditando que o padre inquisidor julgaria com imparcialidade os fatos e testemunhas antes de dar o seu veredito final, nenhum dos seus argumentos em defesa da jovem foram levados em consideração. O que o bondoso padre não podia imaginar, era que no caso de Helen, o inquisidor precisava esconder os verdadeiros motivos que o levaram a condená-la injustamente à morte. Assim sendo, ele jamais poderia dar atenção às súplicas do único defensor de Helen. Então, friamente, ele o silenciou, usando a senilidade do benevolente padre como justificativa.

Aproveitando o silêncio momentâneo que se fez quando o carrasco removeu a venda dos olhos de Helen, o padre ancião tentou uma última vez suplicar pela vida da moça. No entanto, a indiferença do padre inquisidor e de todos os que estavam presentes na praça ignorando o seu fervoroso apelo fez com que o ódio de Helen aumentasse ainda mais. Enfurecida, a jovem não conseguia entender a razão para a enorme injustiça que estavam fazendo com ela. Nem mesmo os apelos do bondoso padre, de quem ela tanto gostava e que era admirado por todos, tinha conseguido salvá-la da morte e muito menos, protegê-la do ódio que continuava a crescer em seu coração, maculando sua inocência.

Em toda a sua vida, Helen havia sido sempre devotada a Deus, nunca tendo uma atitude que não fosse de acordo com o que era ensinado pela Igreja Católica. Religiosa, ela sempre assistia as missas e se confessava, por isso, não conseguia aceitar que estava sendo condenada à morte na fogueira como uma bruxa, apenas por ter um afetuoso gato preto como animal de estimação. Sem sequer imaginar que o seu grande erro tinha sido amar Nestor mais do que qualquer coisa ou religião.

Após os apelos do padre ancião serem ignorados, os olhos de Helen encontraram-se com os de Elizabeth. Incomodada, a matriarca da família Werck tentou desviar o olhar, mas não conseguiu. O magnetismo dos olhos de Helen a mantiveram paralisada, enquanto a fúria da jovem rasgava sua alma. Tomada por um inesperado remorso, lágrimas começaram a descer discretamente pelo rosto de Elizabeth. No entanto, mesmo sem saber que aquela preconceituosa mulher havia sido a responsável por toda aquela tragédia, uma força sobrenatural, manteve o olhar flamejante de ódio de Helen encarando a mãe de Nestor. Enquanto isso, em cima do telhado de uma casa do vilarejo, o gato de estimação de Helen andava de um lado ao outro, angustiado por testemunhar o sofrimento da sua dona.

Alguns minutos depois, ao perceber que Helen não faria nenhuma confissão de arrependimento, o padre inquisidor decidiu dar um fim ao espetáculo, ordenando ao carrasco e seu ajudante que dessem prosseguimento à execução.

— Queimem a bruxa!

Na multidão, outras vozes uniram-se ao inquisidor, repetindo:

— Queimem a bruxa! Queimem a bruxa!

De repente, tomada pelo ódio, Helen gritou, silenciando a multidão:

— Eu vou voltar! E, eu prometo que vou me vingar de cada um de vocês que hoje clamam pela minha morte! Se eu sou uma feiticeira como me acusam, eu vou encontrar uma forma de retornar a este mundo. E, em nome do demônio, eu vou conseguir!

Naquele momento, o fogo começou a subir pelas pernas de Helen, desencadeando gritos de dor aterradores enquanto o seu corpo se contorcia sendo consumido pelas chamas. Mesmo assim, apesar do sofrimento excruciante que sentia, os seus olhos, sombrios e sobrenaturais, enegrecidos pelo ódio, continuavam a olhar para todos, especialmente para Elizabeth. Então, no limite de suas forças, Helen gritou tomada pela dor, pelo ódio e pelo amor.

— Nestor, eu te amo! Por favor, chegue logo. Eu quero morrer ao seu lado, olhando para você e sentindo o seu amor.

A multidão que testemunhava a trágica cena, surpreendeu-se com a dolorosa e apaixonada declaração de amor de Helen a Nestor. Discretamente, todos entreolharam-se e procuraram com o olhar o primogênito da família Werck, sem encontrá-lo. Quando então, em seu último suspiro de vida, tomada pela dor agonizante do seu corpo em chamas, Helen gritou desesperadamente, pela última vez, o nome do amor da sua vida:

— Nestor!

Daquele trágico dia em diante, todos que haviam testemunhado aquela abominável execução jamais esqueceriam o olhar de Helen. As cenas de dor e desespero ficariam para sempre gravados na memória dos que presenciaram aquele infame espetáculo. Assim que a voz de Helen silenciou para sempre, a cena dantesca fez a multidão sair do transe em que se encontrava. Então, pouco a pouco, as pessoas começaram a sentir-se culpadas por nada terem feito para ajudar a jovem e bela camponesa. Atormentados por um profundo arrependimento, uns se culpavam por terem se omitido, enquanto outros se condenavam por terem sentido um certo prazer de ver uma jovem ser queimada viva na fogueira.

Enquanto o corpo de Helen crepitava nas chamas, sendo consumido pelo fogo, o cessar dos gritos evidenciavam que o seu sofrimento havia chegado ao fim. As pessoas que estavam próximas à fogueira começaram a sentir-se mal, intoxicadas pela fumaça, pelo odor e pelo calor intenso. No entanto, influenciadas por um estranho sentimento, em vez de retirarem-se do local elas ficaram paralisadas, olhando para os restos de Helen. No meio de todo aquele horror, uma parte do corpo da jovem ainda estava intacta. Inexplicavelmente, os olhos de Helen permaneciam abertos parecendo brilhar sombriamente, em meio às chamas.

De repente, um homem a cavalo apareceu na rua principal, gritando alucinadamente o nome de Helen. Era Nestor que tardiamente, havia sido avisado em Paris, por um amigo da Corte Francesa, sobre o trágico e inesperado destino de sua amada. Com lágrimas descendo pelo rosto, ele galopava em velocidade na direção da praça central, rezando, implorando a Deus para chegar a tempo de salvá-la, enquanto gritava:

— Helen, meu amor, espere por mim! Helen!

Ao se aproximar do local da execução, o desespero de Nestor era tão grande, que ele nem percebeu que havia chegado tarde demais. Quase sem fôlego, ele desmontou apressadamente do cavalo e correu em direção à fogueira abrindo caminho na multidão, na esperança de apagar o fogo, quando então percebeu que todo seu esforço havia sido em vão. Helen estava morta. Desolado, ele caiu de joelhos, derrubado pela trindade profana, de tristeza, raiva e frustração.

Com o coração dilacerado, Nestor olhou para o que ainda restava do corpo em chamas de Helen, quando viu um brilho cintilar nos olhos de sua amada. Para sua surpresa, eles estavam preservados, olhando em sua direção como se estivessem esperando a sua chegada. Naquele instante, o coração de Nestor foi invadido por um imenso vazio, quando ele percebeu que o seu amor por Helen jamais seria de outra pessoa, e a dor da sua ausência seria sentida para sempre em seu coração.

Assim, em um final de tarde sombrio, Helen morreu de forma trágica e injusta, deixando na consciência de muitos que estavam presentes, um desconfortável sentimento de culpa. Ao presenciarem o sofrimento de Nestor, um murmúrio tomou conta da praça e as pessoas começaram a olhar furtivamente na direção do padre inquisidor, com a certeza em seus corações de que haviam sido cúmplices daquela tragédia. Naquele momento, os gritos de Helen ainda ecoavam em seus ouvidos lembrando-lhes da promessa de que um dia ela voltaria para se vingar.

De repente, como se a natureza estivesse demonstrando seu pesar por causa da morte de uma inocente, o temporal que estava ameaçando cair desde o início da execução de Helen, desabou, fazendo com que todos os que estavam na praça central procurassem abrigo. A chuva torrencial fez com que o fogo logo se apagasse, levando aos céus densas espirais de fumaça. As águas que precipitaram das nuvens carregadas, não tardaram a se misturar ao pranto de Nestor, quando, inesperadamente, um trovão rasgou os céus o tirando do profundo transe em que se encontrava.

Cambaleante, Nestor aproximou-se do corpo incandescente de Helen e ajoelhou-se, tentando, com imenso pesar, juntar o que havia sobrado de seus restos mortais. Profundamente abalado, ele olhava para o que havia restado do corpo de sua amada, sem conseguir acreditar que não voltaria a beijá-la e abraçá-la novamente. A dor da perda do amor da sua vida o fez colocar as duas mãos na cabeça e urrar, recusando-se a acreditar no que havia acontecido.

Alguns minutos depois, a chuva diminuiu, e no meio das cinzas e de ossos queimados, Nestor encontrou os olhos de Helen, intactos, como se ainda estivessem com vida, olhando para ele. Assustado, ele deu um passo para trás, ao perceber que aquele olhar não era o de sua amada. E, sem reconhecer o brilho sombrio que havia neles, pensou:

“Meu Deus, o que eles fizeram com a minha Helen!”

Elizabeth, que observava tudo a distância, aproximou-se do filho para consolá-lo como se estivesse sofrendo como ele, horrorizada com toda aquela tragédia. Entretanto, assim que notou a expressão de assombro estampada no rosto de Nestor, ela perguntou preocupada:

— O que aconteceu?

Apontando para os olhos de Helen, Nestor disse, intrigado:

— Veja! Os olhos de Helen não queimaram!

Aterrorizada com a cena, Elizabeth fez o sinal da cruz e começou a gritar, para que todos os que estavam presentes olhassem para ela e fossem testemunhas da prova do envolvimento de

Helen com o mal. Ao mesmo tempo, ela sentiu-se aliviada, usando o estranho acontecimento como desculpa para amenizar a culpa que começava a pesar em sua consciência. Então, ela disse:

— Vocês todos estão me ouvindo? Vejam a prova de que Helen era mesmo uma bruxa! Só uma pessoa dominada pelo mal poderia manter os seus olhos intactos depois do seu corpo inexplicavelmente se transformar em cinzas em tão pouco tempo! Vamos, aproximem-se e sejam testemunhas da verdade!

Após as veementes palavras de Elizabeth, um raio atingiu uma árvore na praça central, a poucos metros da fogueira. Apavoradas, as pessoas da vila correram para suas casas, não querendo ver e nem ouvir mais nada, temendo a promessa feita por Helen de que ela voltaria para se vingar. Neste momento, o inquisidor olhou com cumplicidade para Elizabeth e disse:

— A execução está encerrada. Voltem para suas casas.

E, sem mais nada dizer, o padre retirou-se da praça e caminhou em direção à igreja. Logo em seguida, Elizabeth levou uma das mãos à frente dos olhos de Nestor, com a outra mão segurou o braço do filho e implorou:

— Nestor, vamos para casa. Não há nada que possamos fazer agora.

Em profundo sofrimento, Nestor desvencilhou-se de sua mãe, pegou o sobretudo e envolveu os restos do corpo de sua amada, enquanto Elizabeth observava a cena em choque. Assim que terminou de recolhê-los, ele segurou o casaco suavemente contra o peito, como se guardasse um precioso tesouro. Depois, ele virou-se para Elizabeth e disse com firmeza, antes que a mãe o repreendesse:

— Dado que a loucura dos homens acabou com o sonho que eu tinha de viver feliz ao lado do amor da minha vida, eu tomei uma decisão. A partir de agora, eu serei o guardião do que restou do corpo de Helen. E, quando chegar a hora da minha morte, ela será enterrada ao meu lado. Assim, eu cumprirei a promessa que fiz a ela de ficarmos juntos para sempre.

Assustada com as palavras do filho, Elizabeth disse, preocupada:

— Eu o proíbo de fazer uma loucura dessas. Nestor, você não vai levar as cinzas desta bruxa para dentro da nossa casa, sujando o nome da nossa família e nos tornando cúmplices do mal que possuiu a alma dessa jovem. Pense bem meu filho, mesmo que o padre inquisidor leve em consideração o seu sofrimento, essa atitude insana o levaria a ser considerado um herege pela Santa Igreja Católica. E, como mãe, eu não vou permitir que um filho meu seja condenado à morte.

Ignorando as palavras de Elizabeth, Nestor respondeu friamente:

— Mãe, respeite a minha dor. Eu não me importo com a Igreja Católica e muito menos com o que estes malditos padres pensam. Além disso, ninguém precisa ficar sabendo, já que não há mais nenhuma pessoa nesta praça, além de nós. E, devido à chuva torrencial que desabou dos céus, todos serão levados a acreditar que os restos de Helen foram tragados pela tempestade. Portanto, acalme-se e pare de gritar como uma louca!

— Nestor, você enlouqueceu?

Olhando com firmeza para a mãe, Nestor respondeu:

— Mãe, a senhora acreditou realmente nesta história absurda de que Helen era uma feiticeira?

Após o silêncio de Elizabeth, Nestor continuou:

— A senhora sabe que tudo não passou de uma farsa, não sabe?

— Meu filho, o padre...

Irritado, Nestor interrompeu a mãe e disse:

— Não venha defender esse assassino. A senhora, os padres e os moradores da vila conheciam Helen e sua família. E, todos sempre testemunharam o quanto eles eram devotos a Deus e à Igreja Católica. Por isso, eu não consigo entender o que motivou essa monstruosa injustiça e me pergunto. O que o padre inquisidor ganhou com a condenação de Helen?

Com a consciência pesada, Elizabeth exclamou:

— Cale-se, Nestor! Você perdeu a razão.

Cada palavra dita pelo filho cortou profundamente a alma de Elizabeth, com o peso da culpa que começava a envolver seu coração. Naquele momento, ela não queria ouvir mais nada e muito menos contra-argumentar, ansiando apenas colocar uma pedra em cima de toda a tragédia. Assim, poderia esquecer de tudo e seguir em frente, sem olhar para trás. Então, não desejando prolongar a conversa, ela disse com firmeza:

— Está certo, Nestor. Mesmo não concordando com a sua atitude, eu vou respeitar o seu desejo e não falarei mais nada sobre este assunto. Vamos enterrar aqui e agora este triste episódio de uma vez por todas. Mas, eu tenho uma exigência. Você vai guardar estas cinzas em um lugar bem longe da nossa casa.

Antes que Nestor pudesse responder, Elizabeth deu as costas ao filho. Sentindo-se castigada pelo frio e pela tristeza, ela decidiu voltar para casa, deixando Nestor sozinho com seu sofrimento. Tentando esquecer tudo o que havia acontecido, ela afastou-se da praça central, movendo-se lentamente em direção à sua carruagem. A cada passo, ela sentia o peso da culpa açoitar sua alma ao ver seu filho naquele estado lamentável, no meio da praça pública, abraçando os restos mortais de Helen como uma criança perdida, desorientada, sem saber o que fazer.

Naquele momento, ao sentir o profundo sofrimento de Nestor, Elizabeth percebeu que havia arrancado um pedaço do coração do filho. Além disso, ele jamais a perdoaria se algum dia viesse a descobrir que ela havia sido responsável pela trágica morte de Helen e de sua família. Esta angustiada constatação a fez sofrer ainda mais, quando uma dor aguda atravessou o seu peito, fazendo-a parar de andar e se curvar em busca de ar. Então, ela pensou:

“Que sofrimento eu causei ao meu amado Nestor.”

Após recuperar-se do mal-estar, Elizabeth respirou fundo, entrou na carruagem e pensou:

“Mas, não há nada como o tempo para curar a dor da perda de alguém que amamos. Logo, a responsabilidade de cuidar dos negócios e da imensa fortuna da família irão ajudá-lo a esquecer tudo o que aconteceu. E, assim que Nestor superar o luto pela morte de Helen, providenciarei uma candidata à altura para casar-se com o meu filho.”

Além de Nestor, Elizabeth tinha outros três filhos. Isabel, a filha mais velha, era casada com Rodolfo, filho de um aristocrata da Corte Francesa. E, para alegria das duas famílias, ela estava grávida, prestes a dar à luz ao primeiro filho. Louiza, a filha caçula, ainda era solteira. Ela havia nascido com uma deficiência que causava anemia crônica, e por isso, frequentemente precisava de cuidados médicos. No entanto, apesar da saúde debilitada, ela tinha uma enorme força interior e uma profunda sensibilidade. Além disso, o seu bondoso coração, era uma característica predominante da sua personalidade, contrariando muitas vezes as rigorosas expectativas sociais da época na qual a nobreza mantinha-se distante de outras classes sociais.

Sebastian, o filho mais novo, ainda era um rapaz, mas achava-se um homem maduro. O belo jovem, tinha uma personalidade parecida com a de Elizabeth. Ele era arrogante, prepotente e vaidoso, acreditando que se desejasse poderia facilmente seduzir qualquer mulher, fazendo-a cair a seus pés em um piscar de olhos. Em sua vaidosa pretensão de acreditar ser o solteiro mais cobiçado do reino, apenas um olhar lançado em sua direção por uma moça da Corte Francesa era suficiente para que acreditasse que a jovem estava perdidamente apaixonada por ele. Na verdade, Sebastian era um jovem tolo e mimado.

E, para completar o núcleo familiar, temos o patriarca da família Werck, Damastor. O marido de Elizabeth era um nobre muito conhecido por sua lealdade e influência junto ao rei da França, devido à antiga e verdadeira amizade que havia entre os dois. A idade avançada e a saúde debilitada, o impediam de frequentar a Corte Francesa e ele quase não saía mais do castelo. Entre todos os filhos, ele amava Louiza mais do que a qualquer outro.

Naquela semana, Isabel tinha ido passar uns dias com sua família no Castelo Werck ao sul do reino antes do nascimento do seu primeiro filho. Mas, ela pretendia retornar logo a Paris, onde morava com o marido, para dar à luz ao seu primogênito. Porém, naquela tarde sombria, ela não sentia-se bem. Então, Isabel resolveu não acompanhar a mãe até a praça central para assistir à condenação de Helen, preferindo ficar no castelo com o pai, a irmã e o irmão mais novo.

Assim que o temporal desabou no final da tarde, Isabel começou a sentir fortes contrações e entrou em trabalho de parto. Enquanto isso, na ala dos empregados do castelo, uma cozinheira estava prestes a dar à luz ao seu primeiro filho. A inesperada coincidência de duas crianças preparando-se para nascer ao mesmo tempo, causou uma certa confusão, com empregados correndo apressados de um lado para o outro do castelo tentando atender as necessidades das duas futuras mães.

Algum tempo depois, a parteira da vila chegou no castelo para ajudar no nascimento do bebê da cozinheira, quando foi informada por Louiza que ela também teria que cuidar de Isabel, sua irmã, que havia começado a sentir prematuramente as contrações do trabalho de parto. Por alguma razão, o bebê de Isabel decidiu nascer antes do esperado pelos médicos.

Pouco depois, sem saber o que estava acontecendo, Elizabeth entrou no castelo pensativa, quando o movimento incomum do sobe e desce dos empregados pelas escadas a tirou de suas reflexões. Assim que o mordomo foi recebê-la no hall de entrada, ela perguntou, claramente irritada:

— O que está acontecendo?

Intimidado, o mordomo olhou para o chão e respondeu:

— É o bebê de Isabel, senhora Elizabeth. O seu neto está apressado, querendo nascer antes do tempo.

— Mas como? Ele deveria nascer apenas no mês de abril. Meu Deus, ainda está muito cedo para esta criança vir ao mundo.

Após dizer estas palavras, Elizabeth sentiu a presença de alguém ao seu lado ao mesmo tempo em que um arrepio percorreu todo o seu corpo. Instintivamente, ela olhou para os lados, mas não viu ninguém. O mordomo, percebendo o seu estranho comportamento perguntou preocupado:

— O que foi, madame? A senhora está pálida, quer que eu chame o médico?

— Não precisa se preocupar, foi apenas um mal-estar passageiro.

Passos apressados interromperam a conversa, quando Louiza cruzou o corredor em direção à cozinha carregando algumas toalhas, sem notar a presença da mãe. Intrigada com a atitude da filha, Elizabeth perguntou:

— Louiza! Por que você está carregando essas toalhas para a cozinha? Onde estão os empregados desse castelo?

Antes que Elizabeth repreendesse o mordomo, Louiza parou, olhou para ela e respondeu:

— Mãe! Que bom que a senhora chegou em casa. A Dasdores, uma de nossas cozinheiras, está dando à luz a uma criança ao mesmo tempo que Isabel e a parteira não sabe a quem ajudar primeiro. Agora, ela está lá em cima com a minha irmã, e enquanto isso, eu estou indo ajudar a Dasdores.

Sem esperar por uma resposta de Elizabeth que sem dúvida a repreenderia por ela estar indo cuidar de uma empregada, Louiza deu as costas à mãe e seguiu apressada em direção a cozinha sem mais nada dizer. Mesmo irritada com a atitude da filha, Elizabeth achou melhor ver como estava Isabel, e apenas por este motivo, resolveu não perder tempo com as excentricidades de Louiza.

Ao entrar no pequeno quarto da cozinheira, Louiza encontrou a jovem moça fazendo força para dar à luz, e naquele instante, o bebê estava com mais da metade do corpo para fora da barriga da mãe. Percebendo a urgência do momento, Louiza jogou as toalhas em cima de uma cadeira, aproximou-se de Dasdores, e puxou delicadamente a criança. Logo depois, seguindo as orientações dadas pela parteira, com facilidade, ela cortou o cordão umbilical e a menina começou a chorar.

Carinhosamente, Louiza envolveu a linda menina em um lençol e a segurou aconchegadamente em seus braços. Assim que a bebê se acalmou, Louiza aproximou-se de Dasdores e abaixou-se para que a mãe pudesse olhar pela primeira vez para a filha, que havia acabado de chegar ao mundo, escolhendo aquela casa para nascer. Aquele momento mágico fez com que Dasdores e Louiza fossem invadidas por uma torrente de emoções. Naquele momento mágico, palavras não foram capazes de expressar tudo o que elas sentiram e apenas as lágrimas conseguiram traduzir a alegria que transbordava de seus corações.

Enquanto isso, na ala dos aposentos da família, o parto de Isabel havia sido extenuante e extremamente complicado, tanto que ela acabou desmaiando de cansaço pouco antes da parteira conseguir tirar o bebê. Assim que segurou o menino em seus braços, a parteira pressentiu que ele corria risco de vida e que a mãe talvez não pudesse conceber novamente. Logo depois, ela cortou o cordão umbilical, enrolou o bebê em um lençol e após ouvi-lo chorar debilmente, aproximou-se de Isabel para ver como ela estava. Ao certificar-se de que ela estava bem, dormindo profundamente, a parteira, com o bebê em seus braços, seguiu até a antessala do quarto de Isabel, onde Elizabeth e Damastor aguardavam ansiosos por notícias.

Ao se aproximar de Elizabeth, a parteira colocou o bebê em seu colo, enquanto os avós entreolhavam-se sorrindo, radiantes com a chegada do primeiro neto. Após admirá-lo por algum tempo, a matriarca da família Werck perguntou:

— Como está a minha filha?

Demonstrando preocupação, a parteira olhou para os pais de Isabel e disse:

— Infelizmente, eu não tenho boas notícias para dar. A senhora Isabel não corre mais risco de vida, mas...

Irritada com a hesitação da parteira, Elizabeth perguntou:

— Mas o quê?

— O parto do seu neto foi extremamente complicado, e receio que a vida dele ainda possa estar em risco. E, lamentavelmente, caso o meu prognóstico se confirme, nós não temos recursos disponíveis aqui na vila para que possamos tentar evitar o pior. E, com essa tempestade, não será possível levá-lo a tempo para um hospital em Paris.

— Impossível! O meu neto está dormindo tranquilamente em meus braços. Como você pode ter tanta certeza do que acabou de dizer?

— Senhora Elizabeth, eu entendo a sua relutância em não querer acreditar em mim. No entanto, eu já trouxe ao mundo inúmeras crianças que lutaram para sobreviver a partos tão complicados como o do seu neto. E, para o meu pesar, na grande maioria deles, a criança não resistiu e veio a falecer.

— Mas então faça alguma coisa!

— Infelizmente, no caso do seu neto, não há nada que eu possa fazer, além de rezar por ele. A partir de agora, vamos precisar observar como o bebê irá se comportar nas próximas vinte e quatro horas. Se ele resistir, acredito que o maior risco de vida terá sido superado.

— O meu neto carrega em suas veias o sangue nobre da família Werck. Ele vai sobreviver.

— Que Deus abençoe as suas palavras, senhora Elizabeth.

— E a minha filha, ela não corre mais risco de vida?

— Não. No entanto, assim que a chuva permitir, o médico da vila deve ser chamado para vir examiná-la. Devido as complicações que ocorreram durante o parto, a saúde da sua filha também foi severamente afetada. Mas, apenas um médico poderá avaliar adequadamente o estado da senhora Isabel.

Sem nada dizer, Elizabeth e Damastor concordaram balançando a cabeça entreolhando-se preocupados. Ao perceber que os pais de Isabel desejavam ficar a sós, a parteira disse:

— Senhora Elizabeth, posso ir ao quarto da sua cozinheira para ver como ela está?

Após Elizabeth hesitar por um instante, Damastor pensou em Louiza e antes que a esposa ordenasse à parteira que não se atrevesse a sair do quarto, ele se antecipou a ela e respondeu:

— Você pode ir, mas não demore muito. O meu neto e a minha filha podem precisar dos seus cuidados.

Mesmo discordando do marido, Elizabeth preferiu não contestar a decisão dele na frente de uma serviçal. Então, com um leve movimento da cabeça, também consentiu que a jovem senhora se retirasse do quarto de Isabel. Aliviada, a parteira curvou-se e disse:

— Não se preocupe, eu logo estarei de volta. Com licença.

Sem demora, a parteira seguiu apressada em direção a ala dos empregados. Assim que entrou no quarto de Dasdores, ela viu Louiza, que naquele momento embalava embevecida uma menina em seus braços. Em seguida, ela olhou para a cozinheira e perguntou preocupada:

— O que aconteceu com a Dasdores? Ela não me parece nada bem.

Antes mesmo de Louiza responder, a parteira disse resmungando:

— Por que está dando tudo errado hoje?

Surpresa com a pergunta da parteira, Louiza virou-se e disse:

— O que você está dizendo? A Dasdores está bem. Há poucos minutos eu estava conversando com ela.

Após medir a pulsação da cozinheira, a parteira disse assustada:

— Meu Deus, a Dasdores está morta!

Em choque, Louiza ficou paralisada olhando para a jovem deitada na cama, quando desabafou, incrédula:

— Como pode ser? Eu não posso acreditar. Por favor, verifique novamente.

Desejando estar enganada, a experiente parteira sentou-se ao lado de Dasdores, tirou um espelho do casaco e o segurou em frente ao nariz da criada. Depois de alguns instantes, ela confirmou com tristeza:

— Senhorita Louiza, Dasdores não está mais entre nós. Eu não sei explicar a causa desse infortúnio, mas ela está morta.

Sentindo um profundo pesar em seu coração, a parteira fechou os olhos por um instante e pensou:

“Hoje, tenho que me render à vontade de Deus. Apesar de todos os meus esforços eu não consegui evitar a morte dessa jovem mãe e uma inocente criança acabou de ficar orfã. Senhor, entrego a alma de Dasdores aos Seus cuidados e o futuro dessa criança em Suas mãos, mesmo não conseguindo compreender os Seus sábios desígnios.”

Abalada com a trágica confirmação da morte de Dasdores, Louiza ficou em silêncio, sem saber o que dizer ou fazer, enquanto olhava para a menina em seus braços e para o corpo da mãe da criança, sem vida, deitada na cama.

Após um longo suspiro, a parteira abriu os olhos, fez o sinal da cruz e envolvida por uma profunda tristeza, cobriu o corpo de Dasdores com um lençol. Depois, virou-se para Louiza e disse:

— Eu vou informar aos seus pais sobre o nascimento dessa linda menina e o inesperado falecimento de Dasdores.

Sem nada dizer, Louiza consentiu que a parteira fosse avisar a seus pais. Enquanto aguardava, ela tentou se acalmar, e começou a pensar:

“Por amor, a jovem e inocente Dasdores, deixou-se iludir e entregou sua virgindade a um homem sem escrúpulos, acreditando em suas falsas promessas de casamento. E agora, a sua filha ficou órfã de mãe e não tem ninguém vivo na sua família para cuidar dela. A única saída seria apelar ao pai da criança, mas o covarde desapareceu logo após saber da gravidez.”

Balançando a cabeça negativamente, Louiza decidiu:

“Não, eu não vou deixar os meus pais entregarem essa menina nas mãos de qualquer pessoa e muito menos permitir que a coloquem na roda dos indigentes. Ela nasceu nos meus braços e eu me sinto responsável por ela. Agora, eu preciso encontrar uma solução para esse dilema e rápido.”

Enquanto isso, na ala dos aposentos da família Werck, Isabel estava tendo um sono agitado e começava a arder de febre, ao mesmo tempo em que o seu filho lutava para viver. Algum tempo depois, apesar de todos os esforços da parteira, o menino não conseguiu resistir, vindo a falecer. Infelizmente, além de prematuro, o parto complicado havia comprometido de forma irreversível a saúde do futuro herdeiro da família Werck.

Assim que se confirmou a tragédia, Elizabeth disse a parteira, enxugando as lágrimas que teimavam em continuar descendo por seu rosto:

— Avise a Louiza que, para o nosso profundo pesar, o filho prematuro de Isabel acabou de falecer e que eu e seu pai aguardamos por ela nos meus aposentos. Ninguém, além dela, deve ser informado sobre o que acabou de acontecer. Depois, volte a cuidar de Isabel.

— Sim senhora. Com licença.

O plano de Elizabeth era reunir todos da família antes de contar a Isabel sobre o falecimento do filho. Assim que a parteira entrou no quarto de Dasdores, Louiza olhou para ela e perguntou preocupada:

— O que aconteceu?

Com os olhos transbordando de lágrimas a parteira começou a contar tudo o que havia acontecido. À medida que ela falava, Louiza sentia o seu coração apertar com a irreparável perda de sua querida irmã. Em meio às lágrimas, Louiza fechou os olhos e orou em silêncio a Deus:

“Senhor, eu peço de coração: que receba a alma do meu sobrinho, que amenize o sofrimento dos meus pais e que dê forças e resignação a Isabel para superar a perda do filho.”

Assim que terminou a oração, Louiza teve uma ideia e sentiu um fio de esperança envolver o seu coração. Sem demora, ela saiu do quarto e seguiu apressada com a menina em seus braços em direção ao quarto de sua mãe.

Naquele momento, toda a família, com exceção de Nestor e Isabel, estava reunida no quarto de Elizabeth, tentando consolar um ao outro, quando Louiza entrou trazendo adormecida em seus braços uma linda menina, saudável e corada. Todos olharam para Louiza, surpresos com a sua serenidade, diante da morte inesperada do sobrinho. Então, compreendendo os olhares de seus familiares que a recriminavam por seu comportamento tão insensível, ela disse com tranquilidade:

— Por que vocês estão chorando? Deus nos tirou um bebê, mas nos deixou outro. Para mim, está claro que Ele quer que cuidemos desta menina como se ela fosse filha de Isabel.

Surpreendidos por suas palavras, eles olharam para Louiza, na expectativa do que mais ela teria para dizer. Então, ela continuou:

— Para evitarmos que Isabel sofra ainda mais, podemos convencê-la a adotar essa linda menina. Eu estou preocupada com a minha irmã. A parteira me disse que o seu estado de saúde é extremamente delicado. Assim, como a saúde de Isabel está comprometida, nós não deveríamos ser os primeiros a tentar aliviar o seu sofrimento? Vocês já pararam para pensar o que poderia acontecer quando ela souber que o seu filho morreu e que além disso, ela tem o risco de nunca mais poder dar à luz a outra criança?

Com lágrimas nos olhos, Louiza deu um profundo suspiro e continuou:

— Infelizmente, a mãe desta menina também acabou de falecer. Vocês estão vendo a forma que Deus usou para compensarmos a perda das duas? A menina não tem família e Isabel não pode ter mais filhos. Agora vocês conseguem perceber como Ele escreve certo em nossas vidas por linhas que nos parecem tortas?

Interrompendo o silêncio de alguns minutos, Damastor, que sempre apoiava Louiza, foi o primeiro a se pronunciar:

— Minha filha, você está certa, como sempre. Eu não sei o que seria de nós sem o seu bom senso e equilíbrio em horas tão difíceis como esta. Entretanto, ainda há um detalhe importante

que precisa ser resolvido. Como nosso genro vai reagir quando souber que o seu filho morreu por falta de recursos? Nós sabemos que ele não queria que Isabel saísse de Paris, temendo pela segurança de sua gravidez. Assim, o melhor que temos a fazer é trocar os bebês. Além de nós quatro, ninguém mais pode ficar sabendo o que vamos fazer.

Logo em seguida, Sebastian acrescentou:

— Pai, eu concordo com você. E, para não levantarmos suspeitas, devemos colocar o filho de Isabel deitado na cama ao lado de Dasdores. Depois, nós diremos a todos no castelo que, infelizmente, os dois vieram a falecer devido a complicações durante o parto.

Acreditando que a ideia proposta seria a solução perfeita para todos os problemas, Elizabeth perguntou:

— E a parteira? Ela viu as crianças e pode não se calar, revelando toda a verdade. E o Nestor? Ele não vai concordar com o que estamos planejando fazer.

Damastor complementou calmamente:

— A parteira não deverá ser um problema. Eu vou oferecer a ela uma irrecusável quantia em dinheiro, para que não precise mais trabalhar. No entanto, ela terá que atender a duas condições. Primeiro, ela não poderá revelar o nosso segredo. E, segundo, precisará se mudar para um lugar bem distante daqui, sem informar a ninguém sobre o seu paradeiro. Quanto ao Nestor, ele não precisa ficar sabendo de nada, e para isso, só temos que manter este segredo apenas entre nós. Quanto aos pais do bebê, Isabel não viu o filho após o parto e está dormindo inconsciente em sua cama. O seu marido não está presente. Sendo assim, como eles não terão como descobrir o que realmente aconteceu, tudo fica muito mais fácil de ser resolvido.

Enquanto Damastor respondia as questões levantadas por Elizabeth, Louiza pensava:

“A minha intenção era apenas não deixar a inocente menina que nasceu em meus braços desamparada. Os meus pais jamais permitiriam que eu cuidasse dela como filha, por saber que ela não possui o sangue nobre da família Werck correndo em suas veias. Mas, com a trágica morte do neto, eu pensei que haveria uma chance de fazê-los aceitá-la na família. E que, por amor a Isabel, eles deixariam de lado o seu orgulho e preconceito, e me ajudariam a convencer minha irmã a adotá-la. Assim, todos ficariam felizes e tudo seria resolvido da melhor forma possível. Mas, eu fui ingênua. Agora, deturpando a minha ideia inicial, eles querem mentir para o Nestor, para a Isabel e para o seu marido, e acima de tudo, comprar o silêncio da parteira.

“Não, eu não posso admitir uma loucura dessas. Eu preciso conversar com o Nestor e contar a ele toda a verdade. E, conhecendo o caráter do meu irmão, eu estou certa de que ele jamais aceitaria ser cúmplice de uma mentira. Sem dúvida, ele concordará com os meus argumentos e me apoiará na adoção da menina caso Isabel não queira acolhê-la como filha. E, usará o seu bom senso para convencer os nossos pais de que esta é a única solução plausível para esse dilema.”

Decidida a mudar o plano de seu pai, Louiza disse preocupada:

— Bom, eu acho melhor nós pensarmos um pouco mais sobre este assunto. Esta decisão envolve a vida de muitas pessoas e as coisas não podem ser resolvidas assim, tão rapidamente, especialmente neste caso, onde a nova proposta sugerida por meu pai se baseia em uma mentira. E, pensando bem, é melhor nós contarmos a verdade para o Nestor e pedir o seu conselho.

Sem dar tempo para ninguém se manifestar, Elizabeth disse, com firmeza:

— Não! Nestor está abalado com a morte daquela mulher, e neste momento, não está em condições de se preocupar com nada nem ninguém. E nós temos que resolver logo este assunto, antes que os empregados do castelo descubram a verdade.

Sebastian e Damastor concordaram com Elizabeth, deixando para a filha apenas uma única escolha, aceitar ser cúmplice daquela mentira. Com o coração apertado, Louiza orou em silêncio:

“Deus, abençoe as minhas intenções e a inocente menina que nasceu em meus braços. Mas, por favor me perdoe, pela escolha que fui obrigada a aceitar para não deixá-la abandonada à própria sorte.”

Após o consentimento de Louiza, eles deram andamento ao plano de troca dos bebês, conforme haviam combinado. Imediatamente, Damastor foi ao encontro da parteira na antessala do quarto de Isabel e após conversar com ela, a fez aceitar o seu papel na troca dos bebês. Argumentando que, além do substancial benefício financeiro que receberia, ela ajudaria a evitar o sofrimento de todos os envolvidos que haviam sobrevivido à tragédia sem prejudicar ninguém. Assim, ele não teve dificuldades para convencê-la de que a sua proposta era a melhor solução para todos.

Assim que Damastor retornou aos seus aposentos e informou a família sobre a anuência da parteira, Elizabeth seguiu até o hall principal, acompanhada do marido e dos filhos. Após o mordomo reunir os empregados do castelo atendendo a ordem dada por Elizabeth, ela disse, do alto das escadas, demonstrando aparente pesar:

— Essa noite, uma tragédia nos abateu profundamente. Infelizmente, a senhorita Dasdores e o seu filho recém-nascido não sobreviveram ao parto.

Surpresos com a triste notícia, todos entreolharam-se sem querer acreditar no que haviam acabado de ouvir. Antes que o silêncio momentâneo fosse interrompido por lamentos e lágrimas dos empregados do castelo, Elizabeth concluiu:

— A senhorita Dasdores não tem familiares vivos, então, eu e o meu marido decidimos nos responsabilizar pelo seu sepultamento ao lado do filho. O velório será realizado essa noite no salão azul e amanhã pela manhã o padre fará a cerimônia fúnebre e o enterro no cemitério do Castelo Werck.

Sem mais nada dizer, Elizabeth retirou-se acompanhada da família, deixando o mordomo encarregar-se das providências necessárias para cumprir suas ordens. Assim, por toda a noite, com grande pesar, os empregados do castelo velaram o corpo de mãe e filho, acompanhados por um único membro da família Werck, Louiza.

Do lado de fora do castelo, a chuva continuava a cair torrencialmente, enquanto ventos fortes sopravam com intensidade. Elizabeth, da janela do quarto de Isabel, olhava para o caminho que levava à entrada do castelo, esperando aflita por Nestor. Após algumas horas de uma torturante espera, ela começou a temer pela vida do filho, quando, de repente, na escuridão da noite, o clarão de um relâmpago fez com que ela visse do lado de fora da janela um olhar demoníaco a encará-la, invadindo sua alma.

Aterrorizada, Elizabeth deu um grito assustador e afastou-se da janela, sem conseguir desviar o olhar daqueles olhos apavorantes que a defrontavam, transbordando de ódio. Aquela hora da madrugada, Damastor e Sebastian já estavam dormindo em seus quartos. No entanto, quando eles ouviram o grito de Elizabeth ecoando pelo castelo, os dois acordaram assustados. Sem demora, eles levantaram-se de suas camas e correram em direção ao quarto de Isabel, para ver o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo, no salão azul, o grito da matriarca da família

Werck fez com que todos os empregados que velavam o corpo de Dasdores se entreolhassem assustados, quando Louiza reconhecendo a voz da mãe, correu para o quarto da irmã, esperando pelo pior.

Juntos, pai e filho entraram apressados no quarto de Isabel, quando viram Elizabeth em pé ao lado da cama, olhando petrificada para a recém-nascida deitada no berço. Apesar do grito, a menina continuava dormindo como um anjo assim como Isabel, que ressonava profundamente, anestesiada por opiáceos ministrados pela parteira para aliviar a dor. Pouco depois, Louiza entrou pela porta com o coração na mão, quando quebrou o silêncio perguntando preocupada:

— Mãe, o que a fez gritar assim? A senhora parece estar apavorada.

A voz de Louiza tirou a mãe do transe em que se encontrava, quando Damastor aproximou-se da esposa, e segurando sua mão complementou:

— Elizabeth, o que aconteceu?

Ainda em choque e sem conseguir responder prontamente as perguntas de Damastor e Louiza, Elizabeth virou-se e procurou um lugar para sentar. Sem nada dizer, ela acomodou-se em uma cadeira, enquanto tentava recuperar o fôlego e acalmar o coração. Querendo evitar mais perguntas, ela disse, disfarçando o nervosismo:

— Não foi nada, não se preocupem. Eu acabei adormecendo, vencida pelo cansaço e acordei sobressaltada por causa de um pesadelo.

Aliviado, Damastor disse:

— Minha querida, você está precisando descansar.

— Você tem razão, o dia de ontem foi trágico e tudo o que aconteceu me deixou profundamente abalada. Além disso, o Nestor ainda não voltou e eu estou com medo de que algo possa ter acontecido com o nosso filho.

— Meu amor, não se preocupe, o Nestor não é mais uma criança e sabe se cuidar. Eu garanto que logo ele estará em casa.

— Eu não sei. O meu coração está apertado, me alertando que algo vai acontecer que mudará para sempre as nossas vidas. E, eu não estou certa se o que estou sentindo está relacionado a esta criança. Eu não sei explicar, mas quando olho para ela, sinto um frio congelante percorrer o meu corpo.

Preocupada com as palavras da mãe, Louiza aproximou-se dela e disse carinhosamente:

— Mãe, eu tenho certeza que após umas horas de descanso a senhora irá sentir-se melhor. Pai, acompanhe a mamãe até o quarto, ajude-a a trocar de roupa e a coloque para dormir. Eu ficarei aqui com a Isabel e a menina.

— Obrigada, minha filha. Eu não posso negar que fiquei impressionada com as mortes que ocorreram, tanto que por um instante, tive a impressão de ter visto um fantasma me observar pela janela.

Sorrindo, Damastor aproximou-se da janela, olhou para fora e disse:

— Elizabeth, não há nada lá fora além da tempestade. E, você sabe muito bem que fantasmas não existem. Agora, vamos para o nosso quarto porque você precisa descansar.

Naquele momento, Nestor, que passava pelo corredor, ouviu o ruído de vozes vindo do quarto de Isabel. Então, ele resolveu bater à porta, perguntando se poderia entrar. Ao ouvir sua voz, todos calaram-se e entreolharam-se com cumplicidade. Interrompendo o silêncio, Elizabeth respirou fundo e disse:

— Entre meu filho. Nós estávamos esperando por você.

Assim que Nestor entrou no quarto, todos ficaram surpresos e comovidos com o seu estado lastimável, percebendo em seu semblante, a profunda tristeza que dilacerava o seu coração. Todos puderam sentir a sua dor. Olhando compadecida para o irmão, Louiza foi a primeira a se pronunciar.

— Querido Nestor, eu sinto muito por tudo o que aconteceu. Eu quero que saiba que fiz o que estava ao meu alcance para tentar ajudar a Helen. Eu dei o meu depoimento ao padre inquisidor tentando dissuadi-lo da injustiça que estava prestes a cometer. Mas, infelizmente, os meus apelos foram em vão. Eu não sei porque, mas após esgotar todos os meus argumentos, percebi que nada, nem ninguém, o impediria de condená-la à morte.

Querendo aliviar um pouco a tristeza do irmão, Louiza o abraçou calorosamente, percebendo a indiferença e o vazio que haviam envolvido o coração de Nestor. Entretanto, a sua dor era tão profunda, que ele ficou alheio ao abraço de Louiza e às suas palavras, parecendo ser uma outra pessoa. Para ele, desde a morte de Helen, era como se ninguém mais existisse, deixando que apenas o sofrimento da perda de sua amada dominasse os seus pensamentos e atitudes. Assim que Louiza acabou de abraçar o irmão, uma força sobrenatural o invadiu, fazendo com que Nestor olhasse em direção a cama de Isabel, atraído pela criança que dormia no berço.

Emocionado, Nestor aproximou-se da recém-nascida, a pegou carinhosamente no colo, enquanto lágrimas rolavam por seu rosto. Naquele instante, como se a menina estivesse sentindo a mistura de dor e alegria que envolvia o coração de Nestor, ela abriu os olhos e sorriu para ele, parecendo querer consolá-lo, parecendo compreender e sentir todas as suas emoções.

Sensibilizada com a cena, Louiza também se emocionou, ao perceber o que Nestor estava sentindo. Para o irmão, que havia acabado de perder a mulher que tanto amava, estar naquele momento de dor testemunhando o início de uma nova vida com o nascimento de uma criança, tocou o seu coração. E, para surpresa de todos que estavam no quarto, o sorriso da menina trouxe um pouco de esperança e alento ao desolado coração de Nestor.

Aproveitando o momento, Elizabeth aproximou-se do filho e pediu para que ele a acompanhasse até o escritório. Sem dar chance para Nestor responder, a mãe tirou a menina de seus braços e a colocou no berço. Logo em seguida, junto com o filho predileto, ela saiu do quarto em direção ao escritório, acompanhada por Damastor, Sebastian e Louiza. Todos precisavam testemunhar a conversa que ela teria com Nestor, para que evitassem cair em contradição, caso algum dia, ele viesse a perguntar a algum deles mais detalhes sobre os trágicos acontecimentos da noite anterior.

Entretanto, enquanto a sua mãe contava os detalhes de tudo o que havia acontecido durante a ausência do filho, Nestor não conseguia parar de pensar que havia perdido o amor da sua vida, permanecendo indiferente ao relato de Elizabeth. O seu único sentimento naquele momento era a culpa que o consumia, por não ter sido capaz de salvar Helen e sua família da perversidade dos homens, que em sua impiedade e loucura, se autoproclamavam defensores de Deus.

Assim que Elizabeth terminou o seu relato, Nestor pediu licença a todos e foi para seu quarto, sem dizer uma única palavra. Consumido pela dor da perda de Helen, era como se o seu coração tivesse parado de bater, mas o seu corpo insistia em continuar vivendo. Ao notar o estado depressivo do irmão, após ele sair do escritório, Louiza disse, preocupada:

— Nós vamos precisar ter muita paciência com o Nestor. A sua indiferença em relação aos trágicos acontecimentos que levaram à morte de tantas pessoas é uma evidência de que o seu sofrimento é profundo. Eu acredito que ele vai precisar de muito tempo para esquecer a infame condenação que culminou na morte de Helen. Por isso, nós precisamos ficar atentos, para apoiá-lo durante este período de luto, porque não será nada fácil para ele superar a perda da mulher que tanto amava.

Depois que todos concordaram com as sábias palavras de Louiza, Damastor suspirou e disse:

— Daqui a poucas horas o sol vai nascer e todos nós precisamos descansar. Por agora, não há mais nada que possamos fazer. No entanto, assim que acordarmos, nós temos assuntos importantes a tratar. Então, amanhã, cada um será responsável por realizar uma parte do nosso plano. Eu vou receber o padre da vila e ficarei encarregado do enterro da cozinheira e de seu filho. Elizabeth vai dispensar a parteira e realizar o pagamento dos seus serviços, lembrando-a das graves consequências que ocorrerão caso ela não cumpra com a sua palavra no nosso acordo. Louiza vai receber o médico e acompanhá-lo durante os exames que ele fará em Isabel e na criança. E, para finalizar, Sebastian vai escrever e enviar uma carta urgente ao marido de Isabel em Paris informando que a sua esposa deu à luz a uma linda menina e que as duas aguardam ansiosamente por sua visita.

∴

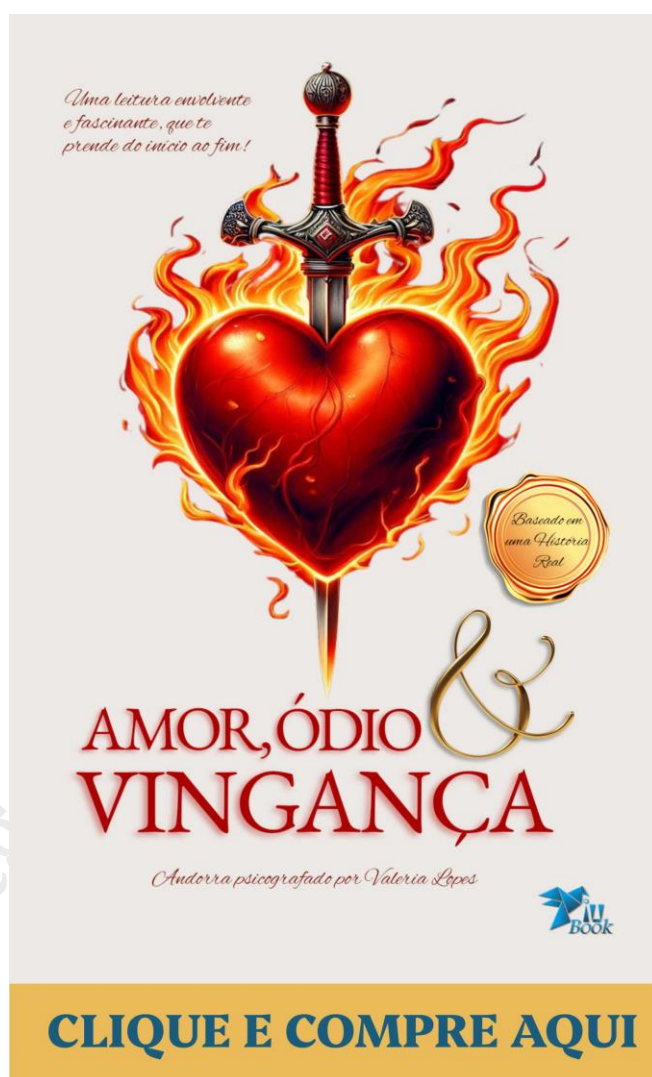
Que situações complicadas criamos em nossas vidas por acharmos que podemos escolher e decidir o melhor caminho para as pessoas que dizemos amar. Entretanto, usando o amor ou Deus como desculpa, muitas vezes nos deixamos levar pelas sombras que frequentemente tentam encobrir nossa consciência. E assim, através da mentira, da dissimulação e da persuasão, acabamos manipulando a vida e influenciando a morte de pessoas como se tivéssemos esse direito.

Infelizmente os verdadeiros sentimentos que levaram a trágica morte de Helen e de sua família, foram o egoísmo e o preconceito, disfarçados de amor. Estes sentimentos, acompanhados pela soberba e por interesses puramente materiais, levaram a verdade a ser encoberta, por homens que usaram o sagrado nome de Deus para justificar sua ganância e seu desequilíbrio moral.

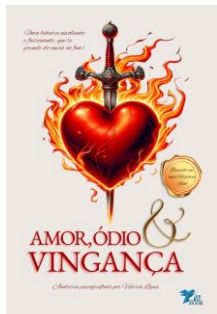
Assim, como sempre acontecerá em situações onde as fraquezas humanas prevalecerem direcionando pensamentos e ações, as sábias leis do universo são acionadas fazendo com que todos os envolvidos, de uma forma ou de outra, colham os frutos de seus atos e intenções.

Você acabou de ler sua “degustação” do livro
Amor, Ódio e Vingança

Clique na imagem da capa abaixo e adquira a versão
completa do livro.



Romances da Série: As Vidas de Andorra



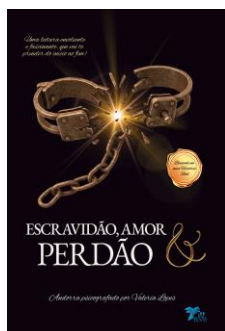
Amor, Ódio e Vingança

Na França de 1510, uma falsa acusação de bruxaria forjada pela abastada família Werck, leva à morte uma bela jovem pela fogueira da inquisição, desencadeando no espírito imortal da acusada uma batalha entre o amor e o ódio, com consequências imprevisíveis na vida de todos os envolvidos nesta saga romântica de almas apaixonadas.



Lágrimas, Amor e Redenção

Na França de 1539, a vida continua célere na esplendorosa Paris, após a trágica e misteriosa morte dos ancestrais da família Werck nas terras ao sul do reino. A maldição dos Werck se renova com o nascimento dos gêmeos Barbara e Leonardo. Almas que renascem nesta vida unidas por um grande amor. Inesperadas reviravoltas acontecem ao longo desta saga romântica intensa e envolvente, até que os irmãos consigam encontrar a paz e alcancem enfim... o amor eterno...de almas eternas.



Escravidão, Amor e Perdão

No Brasil do século XIX, em uma fazenda de café marcada pela escravidão e pelo preconceito, Lucya, uma linda jovem de origem europeia e herdeira de um barão do café, e Oxalufã, filho de uma sábia escrava, são unidos por um reconhecimento que atravessa os séculos e desperta promessas de um passado distante. Entre a dor, a renúncia e o sacrifício, eles enfrentam um mundo que não os permite viver esse amor, mas que não pode impedir o chamado da eternidade. Porque há sentimentos que não pertencem a uma única existência e essas almas apaixonadas encontraram no perdão a verdadeira liberdade.

Prepare-se para mais revelações e
emoções mais intensas...

O próximo livro da série está chegando!!!

Para adquirir os romances, visite o site:

www.piubook.com.br

Série: *As Vidas de Andorra*



Até onde você iria por um amor verdadeiro?

Quantas vidas você estaria disposto a viver e quantas batalhas você enfrentaria para alcançar este amor?

Descubra "As Vidas de Andorra", uma série envolvente e emocionante que explora as algumas vidas passadas do Espírito Andorra.

Psicografada pela médium e escritora Valeria Lopes, "As Vidas de Andorra" revela a força do amor eterno — superando a própria morte e se perpetuando por muitas vidas. Cada volume da série é uma janela para uma existência passada, desdobrando as histórias de almas interligadas cujos caminhos se cruzam através dos séculos. As tramas abordam vários assuntos, como: amores proibidos, arrogância, ganância, traições, inveja, vingança, ódio, justiça, amor, e perdão.

Cada livro revela o lado mais sombrio do ser humano, nos mostrando que, mesmo que não pareça, as más ações trazem colheitas amargas. Mas também, nos apresenta a beleza que existe nas pessoas que escolhem viver sob a Luz do Criador, revelando que, mesmo em tempos difíceis, sempre existirá esperança aos que confiam na misericórdia divina!

Por que mergulhar nas "Vidas de Andorra"?

"As Vidas de Andorra" é uma série de livros com uma narrativa envolvente, que vão te prender do início ao fim.

Cada volume o transportará para momentos históricos, envolvendo-o emocionalmente na vida de seus personagens. É uma série que desperta emoções profundas e traz lições transformadoras. Em alguns momentos, você vai sentir raiva e indignação, em outros, esperança e leveza. Esta série te deixará com "borboletas no estômago", ao mesmo tempo em que faz você pensar e refletir muito após terminar a leitura. Esta é a magia de se conectar com histórias verdadeiras, vividas por personagens reais.

"As Vidas de Andorra" é muito mais do que apenas um compilado de bons livros...

É um verdadeiro presente divino que a espiritualidade nos permitiu ter acesso!

Junte-se a Andorra em suas várias existências, onde cada encarnação é uma peça de um quebra-cabeça maior, revelando pouco a pouco os mistérios que apenas o tempo pode solucionar.

Adquira a série "As Vidas de Andorra" agora e faça parte desta jornada épica de amor, aprendizado e espiritualidade.

Para conhecer mais sobre a série, visite o site:

www.piubook.com.br

Fale conosco através do e-mail

contact@piubook.com

A Autora - Valeria Lopes



A autora nasceu em uma família espírita, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Desde criança, devido a sua extrema sensibilidade, sempre teve contato com o mundo espiritual.

Ao longo da vida, com a ajuda de seus amigos espirituais, desenvolveu a mediunidade, aprendendo a usar este dom em auxílio do próximo. No ano de 1998, foi inspirada pelo espírito Andorra, utilizando a psicografia e clarividência para escrever seu primeiro romance. Segundo a autora:

“A responsabilidade do trabalho espiritual é enorme e, por este motivo, espero continuar merecendo o dom de receber histórias que falam sobre a vida e a morte, tentando, de alguma forma, ajudar a todos aqueles que passam por provações, dando-lhes paciência, compreensão e resignação. Ao longo de todos esses anos, eu vivi inúmeras experiências com os meus amigos espirituais, e trago em meu coração muita gratidão por todo este tempo em que estamos juntos e unidos na alegria de servirmos ao bem.”

Para conhecer mais sobre a autora, visite o site:

www.piubook.com.br

Fale com a autora através do e-mail

contact@piubook.com

A Editora - PiuBook

A PiuBook tem como missão trazer histórias que toquem corações e despertem consciências para a realidade espiritual, a fim de que assim, possamos trilhar a nossa jornada evolutiva semeando o bem, a fraternidade e o amor por onde passarmos.

Para conhecer mais sobre a editora, visite nosso site

www.piubook.com.br

Curta nossas páginas nas redes sociais

www.facebook.com/piubook

www.instagram.com/piubook

www.twitter.com/@piubook

Fale conosco através do e-mail

contact@piubook.com



Palavras de Amor, Sementes de Luz!!!